

O PRÍNCIPE LÁ DE CASA

Tenho um filho. Já tive um marido. Tenho agora um filho e talvez queira outra vez um marido. Mas quando se tem um filho e já se teve um marido, um homem não nos serve exatamente para a mesma coisa. O que pensávamos que queríamos de um homem antes de termos um filho, deixa de ser o que queremos de um homem depois de termos um filho. Pelo menos não é só. Sim, vão dizer-me que toda a gente muda. Pois muda, mas uma mulher muda mais.

Por exemplo, vai ali um homem, um belíssimo representante da espécie, até. Mais alto do que baixo, mais moreno do que louro. É até um bocadinho mais charmoso do que o George Clooney. Mas mesmo que ele olhasse para mim, que trocasse os olhos e fizesse o pino e que escrevesse as mais belas SMS de amor,



o essencial já não era saber se ele gostaria de mim como se não houvesse amanhã. Já adivinharam o que é que eu lhe perguntava, não adivinharam? Era exatamente isso: «És homem para gostar do meu filho?»

Um homem lá em casa, já eu tenho. É o meu filho. Um valente de cinco anos. Mais forte do que o Schwarzenegger, muito menos austero do que o Vítor Gaspar. Se há crise, vem a toda a velocidade. Salta da trotinete que tomba aparatosamente no chão e, de espada de borracha na mão, planta-se à porta do meu quarto. Grita, sorridente: «Mãe, tu és uma princesa e eu estou aqui para te proteger.» Quando se vive num castelo de príncipes e princesas, se faz falta um homem, é só para que ele seja um rei para a princesa, um aio para o príncipe. Tenho a certeza de que até o Nelson Évora concordaria comigo: é isso mesmo e só estamos a falar dos mínimos olímpicos.

Tenho um filho. E ele sabe que tem em mim uma mãe. Tem, claro, as dúvidas que todos os cinco anos dão, e, vai daí, perguntou-me: «Mãe, quando eu crescer, podes continuar a ser minha mãe?» Até os olhos me saltaram de alegria. Ouviu ele e ouvi eu a minha voz sozinha, firme, a dizer-lhe: «Sempre, meu príncipe. Sempre. Até posso fechar os olhos que hei de continuar a ver-te. Sempre.»

O MEU LINDO PERALTA

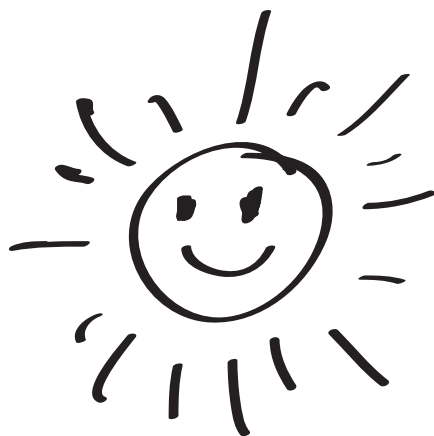
Já sabem que sou mãe. Ou seja, que escrevo estes textos porque ando a criar um filho. Mas sem nome, disseram-me, um filho é uma abstração. Até Deus, ao criar o mundo, só depois de chamar flores às flores e rios aos rios é que descansou e disse que essas coisas eram boas.

Perguntaram o nome do meu filho e pus-me a pensar porque lhe chamei o que lhe chamei. Podia ter-lhe dado outro nome? A guerra do nome nem sempre é uma guerra de rosas. Há filhos que começam por ser imaginados com um nome e acabam com outro. Por causa de um nome, famílias assistem a conspirações de avós maternos e avós paternos que ameaçam com um irrevogável «nunca mais volto a pôr os pés em vossa casa» se o nome do novo menino jesus não for o que querem.

Não foi assim contigo, menino jesus cá de casa. Onde vem o teu nome, meu filho? Sei que me atraiu, em primeiro lugar, a simplicidade das quatro letras do teu nome. Quatro

letras que são o tique-taque, tique-taque, do meu coração.
O que é simples é bonito, não é?

A segunda razão traz uma lágrima ao canto do olho, era o nome do meu avô paterno. Por isso se diz que há pessoas que nunca morrem. Continuam umas nas outras, nos nomes umas das outras.



E há sempre um argumento definitivo, argumento de pai e mãe, a que não resistem nem os avós, nem os amigos. Tantas vezes se leu o livro, que foi o livro a decidir, com autoridade e carinho: é este o nome. O livro é *Meu Pé de Laranja Lima* e foi escrito, digo eu, para que tu tivesses o nome que tens. Ora lê comigo, filho: «Você vai longe, peralta. Não é à toa que você se chama José. Você será o Sol e as estrelas vão brilhar em seu redor.»

Um dia disseste mãe pela primeira vez. Mas quando mais me comovi foi quando pela primeira disseste José e sabias que estavas a falar de ti. Dizias José, e José eras tu e sabias. O Sol e as estrelas brilharam como um caleidoscópio à volta da minha cabeça tonta de mãe. Não era, afinal, à toa que te tinha chamado José. Tu vais longe, meu lindo peralta.

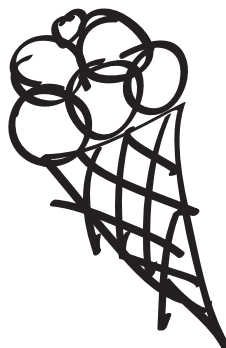
AS COISAS QUE UM FILHO NOS ENSINA

Ando outra vez a aprender o medo. Muitos medos. Chegamos à adolescência, aos festivais de sudoeste, e não temos medo de nada. Eu era capaz de atravessar Lisboa, com uma amiga, a pé, às quatro da manhã, de quinta para sexta ou de sexta para sábado. Qualquer desculpa era boa: um jantar de fim de curso, o aniversário de um colega, uma despedida de solteira. Olhem para mim, de saltos altos, a rir, um grupo de amigas no meio da noite, sem medo da 24 de Julho, do Príncipe Real.

Chega-se a mãe e voltam os medos todos. Temos os medos que os nossos filhos têm e temos até os medos que os nossos filhos não têm. Temos medo do escuro porque achamos que eles têm medo do escuro. Temos medo dos palhaços se eles começarem, «ó mãe, ó mãe», a chorar, com o nariz vermelho do homem do circo. O meu lindo José tem medo da água?

Também eu tenho logo muito medo da água do mar.

«Mãe, onde é que está a porta da praia?» Não estou a inventar: logo que ele foi gente de falar, a primeira vez no Algarve e, ainda mal tinha assentado os pezinhos na areia, foi essa a pérola que me ofereceu.



Este verão, com cinco anos, para ele a porta do mar já está aberta de par em par. Perdeu o medo da água. O Homem-Aranha deu-lhe aulas de natação em Lisboa. Um dia, vai descobrir que o Homem-Aranha era só o professor de natação, mas a touca que ele trazia fez o milagre. Uma touca vale um Homem-Aranha.

Cinco anos e o José enche o mar do Algarve de mergulhos de golfinho. Lança-se, salta, grita. Está nas ondas do mar como eu, quando universitária, nas ondas do Bairro Alto.

«Mãe, quero ficar para sempre de férias.» Nada o tira da água, a não ser três dentadas no açúcar de uma bola de Berlim. O medo da água fugiu pela escancarada porta da praia.

Pronto, apetece-me dizer, já é igual a mim. Erro meu. De gelado na mão, ontem, a andar ao meu lado, ao começo da noite, perguntou-me: «Mãe, quem é que construiu o mar?» Com um filho não se reaprende só os medos, reaprende-se a alegria.